

**Bakhtin, Mead E Goffman:
contribuições para uma perspectiva praxiológica da comunicação¹**

Marco Túlio de SOUSA²

Resumo

O presente trabalho visa discutir a proposição de Louis Quéré (1991) de um “modelo praxiológico” e analisar em que medida esta perspectiva se relaciona com outras contribuições teóricas, notadamente, o interacionismo simbólico e a teoria da interação verbal de Bakhtin. Assim, em um primeiro momento apresentamos a discussão empreendida por Quéré na sua crítica de um modelo “epistemológico” e na defesa de uma abordagem “praxiológica” da comunicação. Em seguida, trazemos alguns aspectos do interacionismo simbólico a partir de autores como Mead (1972) e Goffman (2011) e a proposta dialógica de Bakhtin (1992). Por fim, procuramos identificar alguns pontos de contato nas perspectivas dos autores apresentados em relação ao modelo de comunicação delineado por Quéré e perceber em que medida este avança a partir daqueles.

Palavras-chave: Comunicação. Discurso. Interação. Modelo Praxiológico.

Introdução

Em “Introdução a uma ciência pós-moderna”, Boaventura Sousa Santos (1989) sugere que há uma crise na “ciência moderna”. Este modo de “fazer ciência” se (a)firmou por meio de uma “ruptura” com o senso comum e a religião, vistos como lugares de trevas e ignorância. Ciência esta que se constitui tendo por base três atos epistemológicos fundamentais: a ruptura (com o senso comum), a construção (de um modelo explicativo para o problema em questão) e a constatação (volta ao objeto e teste das hipóteses).

Tais procedimentos são comuns tanto às ciências humanas, quanto às naturais. No entanto, Santos enfatiza que as primeiras rapidamente perceberam limitações no

¹ As discussões empreendidas neste texto compõem o trabalho final da disciplina Teorias da Comunicação, ministrada pela professora Dra. Vera França, junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

² Mestrando em Comunicação pela UFMG e pesquisador do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais. Bolsista da CAPES, pesquisa mídia e religião.

emprego de tal método devido às especificidades do seu objeto de estudo:

as ciências sociais não dispõem de teorias explicativas que lhes permitam abstrair do real para depois buscar nele, de modo metodologicamente controlado, a prova adequada; não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados; não podem produzir previsões fiáveis porque os seres humanos modificam o seu comportamento em função do conhecimento que sobre ele se adquire; os fenômenos sociais são de natureza subjetiva e como tal não se deixam captar pela objetividade do comportamento; não são objetivas porque o cientista social não pode libertar-se, no ato de observação, dos valores que informam a sua prática em geral e, portanto, também a sua prática de cientista (SANTOS, 1988, p.53)

Não obstante, isso não invalida a importância das investigações no campo das ciências humanas. Apenas sugere uma necessidade de se pensar em alternativas a um paradigma que norteou boa parte do conhecimento produzido até hoje. A crise de que Santos nos fala chega a outros campos dos saberes, abalando as estruturas que sustentam este paradigma.

As leis da natureza “decifradas” pelos cientistas são leis apenas aproximativas, só valem em sua totalidade e perfeição a partir de um isolamento de inúmeros fatores. A não-interferência do sujeito pesquisador no objeto também é questionada. Segundo Santos (1988, p. 55), “Heisenberg e Bohr demonstram que não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar, e a tal ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que lá entrou”.

Dessa forma, o objeto é entendido não como algo dado no mundo, mas sim “construído” pelo sujeito pesquisador (LOPES, 2010). E tal “construção do objeto” se dá por uma seleção de instrumentos teórico-metodológicos, que vão desde as teorias mobilizadas ao recorte e coleta de dados. Posição que também é assumida por Edgar Morin (2005) na sua proposição de um “paradigma da complexidade”. Segundo este autor, o “paradigma simplificador” que serviu de bússola à ciência moderna oferece um conhecimento assaz limitado, baseado em uma “mutilação do real” oriunda de um recorte e análise das partes, sem considerar as relações que tais partes estabelecem com o todo que as constitui.

Conforme já dissemos, tal crise afeta os diversos campos da ciência e acreditamos que as pesquisas em comunicação não fogem à regra. Em texto intitulado “D'un modèle épistémologique à un modèle praxéologique”, Louis Quéré (1991) traça

um bom panorama desse cenário no campo da comunicação. Segundo ele, podemos dividir os estudos nessa área em dois modelos: o “modelo epistemológico” e o “modelo praxiológico”.

No primeiro modelo percebemos fortes ressonâncias dos princípios norteadores da “ciência moderna”. O segundo modelo reconsidera as premissas do modelo epistemológico e procura superá-las. Conforme veremos no decorrer deste texto, as ideias de Mead, Goffman e Bakhtin podem ser identificadas, ainda que parcialmente, como pertencentes ao “modelo praxiológico” de Quéré (1991), um caminho interessante para se pensar a comunicação, como veremos a seguir.

1 Quéré e os modelos epistemológicos e praxiológico

O modelo epistemológico representacional entende a comunicação como um processo de transmissão de conhecimento. Em texto sobre Quéré, França (2003) aponta que as referências fundamentais do que também pode ser chamado de “paradigma informacional” se encontram no modelo de C. Shannon e W. Weaver em sua teoria matemática da comunicação. Os autores propõem um esquema que compreende a comunicação como uma troca de dados, a qual tem sua unidade elementar na informação³. A eficácia da comunicação ou da transmissão de informação estaria condicionada a uma diminuição do ruído. Esta teoria teve grande repercussão não apenas nas pesquisas comunicacionais, mas também influenciou a psicologia e a linguística estrutural de Jakobson⁴.

Embora este esquema tenha ganhado outras configurações em desenvolvimentos de autores como Lasswell e Lazarsfeld, as preocupações de base se mantiveram. Assim, com base em Quéré (1991), podemos resumir o entendimento da comunicação no paradigma informacional nos seguintes pontos: 1) um processo de produção de signos por meio dos quais os sujeitos tornam mútuos os seus pensamentos; 2) consiste em suscitar no destinatário ideias semelhantes às de quem enuncia; 3) seu “sucesso” se dá quando representações similares às do enunciador são produzidas no destinatário.

³ De acordo com Winkin (1998), o conceito de “informação” que os autores apresentam é bem específico. Segundo ele, “não se trata de informação no sentido corrente de 'notícia' ou de 'instrução', 'informe'. Trata-se de uma grandeza estatística abstrata que qualifica a mensagem independentemente de sua significação” (WINKIN, 1998, p. 26)

⁴ Para mais detalhes, conferir WINKIN, 1998.

Para este modelo, a comunicação tem um papel de transmissão, aquisição e tratamento de informação. O ruído não é considerado um elemento de sentido, mas apenas enquanto um problema que deve ser eliminado a fim de que as informações sejam transmitidas com sucesso. No tocante às premissas do modelo epistemológico representacional, procuramos sistematizá-las de forma esquemática com base no texto de Quéré (1991) e de França (2003):

A) A comunicação é um desafio cognitivo. Este princípio comporta três outros: a) o mundo é pré-definido e suas propriedades são independentes dos sujeitos, os quais apenas tentam reconstituí-lo; b) há uma separação entre ideias e representações de um lado e o “mundo real” de outro; c) a cognição é nada mais do que uma atividade de leitura e validação de representações adequadas ao mundo real pré-determinado.

B) Entendimento Monológico do sujeito. Sujeito é aquele que produz representações sobre o mundo e se relaciona com o mesmo por meio da objetivação e da observação.

C) Concepção “factual” da subjetividade. O sujeito é dotado de “estados intencionais” que são representados como fatos. O sujeito aqui é pensado enquanto alguém que age estrategicamente.

D) Dualismo da língua. Língua/linguagem pensada enquanto código que representa a realidade. Dessa maneira, cria-se uma distinção entre: “de um lado um mundo pré-definido; de outro, as ideias ou representações desse mundo” (FRANÇA, 2003, p. 5), constituindo assim dimensões paralelas. Ou seja, o indivíduo é aquele produz signos/índices para serem interpretados pelos outros com base em um código fixo e imutável.

Ao paradigma informacional acima exposto, Quéré (1991) contrapõe um modelo por ele denominado “praxiológico”. Nesta perspectiva, a comunicação é antes de tudo uma “ação” por meio da qual os indivíduos criam um mundo em comum. Mais do que uma atividade de cognição, o ato comunicativo é uma atividade social, que diz de um contexto situacional e historicamente marcado. Para fins de sistematização, apresentamos abaixo o posicionamento do modelo praxiológico frente às premissas centrais do modelo epistemológico.

A) Comunicação = Desafio Cognitivo x Comunicação = Ação Social: para Quéré, a comunicação consiste na criação de um mundo em comum, onde os atores se relacionam. Mais do que uma transmissão de dados (modelo epistemológico), ela ocorre na vivência de uma experiência social, na troca com o outro.

B) Sujeito Monológico x Sujeito Dialógico: enquanto no modelo epistemológico o sujeito é aquele que constrói representações, no modelo praxiológico este é pensado como dialógico. Ou seja, o sujeito se constitui na sua relação com o “outro”, reverberando em seus dizeres discursos que revelam uma dimensão histórica e social. Nesse ponto, fica clara a influência do pensamento de Bakhtin, como veremos adiante.

C) Sujeito Estrategista x Estados Intencionais Emergentes: o sujeito monológico do primeiro modelo é um sujeito estrategista, que age com base em concepções anteriores à situação de comunicação. No segundo modelo, as intenções não desaparecem, mas são tratadas como emergências, procedendo a uma cumplicidade mediada por práticas, operações, conceitos e significações públicas.

D) Dualismo da Língua x Concepção Expressiva da Linguagem: no modelo epistemológico a linguagem é concebida enquanto dissociada da realidade. De um lado existe o mundo e do outro as representações que nós fazemos dele por meio da linguagem. Concepção que é recusada pelo modelo praxiológico, que entende a linguagem enquanto elemento que constitui o mundo e que por ele é constituída. Ela consiste na “objetivação de uma subjetividade” (FRANÇA, 2003, p. 6)

O modelo delineado por Quéré (1991) incorpora concepções de vários autores e correntes teóricas. Dentre eles, destacamos Mead, Goffman e Bakhtin. Os dois primeiros em estreita ligação com o Interacionismo Simbólico e o autor russo em sua filiação aos estudos linguísticos e literários. Assim, abordaremos nos próximos tópicos alguns aspectos gerais das ideias desses autores e, em seguida, procuraremos estabelecer um diálogo com a perspectiva defendida por Quéré (1991) em seu “modelo praxiológico”.

2 O Pragmatismo e o Interacionismo Simbólico de G. H. Mead

George Herbert Mead é uma das figuras de maior destaque da filosofia americana. O pensador é considerado um dos expoentes do Pragmatismo e um dos fundadores do Interacionismo Simbólico. Mead recebeu notável influência de autores do pragmatismo como William James e John Dewey. O último, inclusive, trabalhou com ele na Universidade de Chicago. Assim, acreditamos ser necessário um breve resumo das principais teses do pragmatismo para precisar o horizonte teórico em que se situa o autor.

O pragmatismo surge nas últimas décadas do século XIX em meio às discussões de um grupo de estudantes de pós-graduação da Universidade de Cambridge. O grupo se auto-intitulava “Clube Metafísico”, nome escolhido como uma forma de provocação a alguns ramos filosóficos da época. Segundo Pogrebinschi (2005), a corrente teórica de origem americana se estabelece a partir de um embate com a metafísica (Peirce chega a afirmar que o objetivo dos pragmatistas é mostrar os erros da metafísica) e o nominalismo (por esta vertente negar o social).

Para William James, o pragmatismo não se situa nem na esfera do racionalismo (que pensa a realidade como derivada das ideias), nem pode ser encaixado completamente no empirismo (para o qual nossas ideias são derivadas exclusivamente das experiências físicas, não havendo, portanto, concepções inatas). O que importa a esta corrente é precisar as consequências práticas resultantes da adoção deste ou daquele sistema de pensamento. Assim, é possível dizer que “o mundo é indubitavelmente um se você o olha de certo modo, mas sem dúvida é muito diferente se você o olha de outra maneira” (JAMES, 2006, p. 30).

Desse modo, o pragmatismo se propõe como um “método” que atua “por meio da prospectiva de um futuro ainda em formação” (POGREBINSCHI, 2005, p. 25). Ou seja, as proposições são pensadas a partir de “testes” que nos possibilitem verificar suas consequências. Esta visada “consequencialista” consiste em uma das três características basilares do pragmatismo. Segundo Pogrebinschi (2005), as outras duas são: o “antifundacionalismo”, que recusa supostas “verdades universais”, dogmas e entidades metafísicas; e o “contextualismo”, pelo qual,

trata-se de insistir na importância de que as investigações filosóficas estejam atentas ao papel do contexto de seu desenvolvimento. Em outras palavras, trata-se de reivindicar consideração às crenças políticas religiosas científicas, enfim, à cultura da sociedade e às relações que mantém com as instituições e práticas sociais. (POGREBINSCHI, 2005, p. 49).

Esta ênfase no contexto também pode ser percebida nas pesquisas dos teóricos interacionistas. No caso de Mead, temos como ponto central de sua reflexão a relação entre a experiência e as condições de sua produção. A comunicação é entendida pelo autor como um “ato social” e só pode ser compreendida nas articulações que se estabelecem entre os indivíduos e a sociedade. Segundo França (2008), embora o autor não possa ser apontado como um teórico da comunicação, a questão comunicacional é central em suas reflexões.

É o que podemos perceber na leitura de seu livro póstumo *Mind, Self and Society*, no qual ele sugere o conceito de “ato completo”. Tal “ato” se dá por uma ação reflexiva que agrega três elementos: a sociedade, o self e o espírito⁵. Segundo o autor, tais instâncias só podem ser compreendidas nas relações que se estabelecem entre elas, o que vai de encontro a perspectiva metafísica (criticada pelo pragmatismo) que vê indivíduo e sociedade como elementos pertencentes a realidades distintas.

A *Sociedade* é compreendida como um “contexto objetivo de ação” (FRANÇA, 2008, p. 74), no qual os indivíduos se relacionam. E é por meio da atividade social que um certo *self* é produzido. É pelo condensamento do “eu” (os instintos, na visão freudiana poderia ser comparado ao ID, a dimensão pulsional) e do “mim” (resulta da incorporação das expectativas dos outros em relação ao indivíduo, o termo mais próximo em Freud é o Superego) que resulta essa instância. Já o *Espírito* corresponde à “inteligência reflexiva del animal humano, que puede ser distinguida de las formas inferiores” (MEAD, 1977, p.152), é esta instância que nos permite avaliar nosso *self* e se projetar no lugar do outro. Assim,

A construção do self, enquanto uma dinâmica de forças que realiza-se na conduta, apenas se torna compreensível através de um operador lógico, que é o espírito. Se o espírito explica a construção do self, o self, através dos embates entre o 'eu' e o 'mim', nos permite apreender tanto a interiorização do social quanto a intervenção e a conduta dos sujeitos, ou seja, a dinâmica e a natureza da vida social (FRANÇA, 2008, p.75).

⁵ Termo equivalente a *Mind* na leitura de França (2008) sobre o livro de Mead e que também é empregado na tradução em espanhol da obra.

A partir desta “interiorização do social” na conduta dos indivíduos e da dinâmica reflexiva das ações humanas, Mead indica uma distinção entre *gesto* e *gesto significativa*. Ambos se situam na base dos processos sociais e tem como função “posibilitar la adaptación entre los individuos involucrados en cualquier acto social dado” (MEAD, 1972, p. 89). Assim, o *gesto* diz de uma afetação de um ser pelo outro, ou seja, da emissão de estímulos que convocam uma resposta. Além de agregar esta característica, o *gesto significativa* difere pela inscrição de um elemento da ordem do simbólico, é neste plano que ocorre a comunicação. “Assim, é a existência de significados distintos e compartilhados, e de um processo de mediação, que caracteriza a comunicação” (FRANÇA, 2008, p. 77).

A comunicação é um tipo de (inter)ação específica, que se refere a uma partilha estabelecida por meio da linguagem e envolve os indivíduos que constituem a sociedade. Nesta perspectiva, eles não são tomados apenas na sua capacidade de reagir a estímulos, mas sim como agentes ativos que podem prever situações, preparar-se e se adaptar às mesmas. “Em Mead, o sujeito, com sua capacidade racional, utiliza gestos significativos, adota papéis sociais, vê-se como objeto da ação de si mesmo” (BRAGA, GASTALDO, 2010, p. 96).

A adoção dos papéis sociais é uma das dimensões destacadas por Erving Goffman em sua clássica obra “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, como veremos no próximo item.

3 Goffman e a ordem da interação

Embora recuse o rótulo de interacionista, Erving Goffman normalmente é apontado como um dos principais expoentes dessa corrente teórica. Goffman tomou contato com os textos dos interacionistas quando estudou na Universidade de Chicago na década 40, onde foi aluno de Blumer, discípulo de Mead. Em seus escritos, o autor costuma comparar a vida social a uma atuação cênica, onde os indivíduos incorporam papéis sociais que variam de acordo com as situações.

A “definição da situação” é elemento central das interações cotidianas, ou seja, nos momentos em que há um “encontro” com o outro em um espaço de mútua influência. Segundo o autor, “os participantes, em conjunto, contribuem para uma única

definição geral da situação, que implica não tanto um acordo real sobre o que existe, mas, antes, num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas” (GOFFMAN, 2011, p. 19). Assim, uma definição equivocada da situação pode suscitar constrangimentos nos atores nela envolvidos.

A partir de tal definição os indivíduos lançam mão de recursos que influenciam os outros participantes envolvidos. Nesse aspecto, é de suma importância a noção de “desempenho”. O desempenho está relacionado, dentre outros fatores, aos “papéis” que os sujeitos assumem frente ao outro. Para assumir e desempenhar bem o seu papel existe uma necessidade dupla: 1) ter informações sobre os outros e 2) informar o outro sobre si mesmo, ou seja, expressar-se. Em relação ao primeiro aspecto, Goffman nos diz que,

a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada” (GOFFMAN, 2011. p.11)

No tocante ao segundo aspecto, o autor faz uma distinção entre dois tipos de expressão: a expressão que se transmite e a expressão que se emite. “A primeira abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos [uma imagem para a qual apontamos no decorrer da fala], que ele usa propositadamente” (GOFFMAN, 2011, p. 12). Já a segunda envolve uma dimensão não-verbal, os elementos que dizem a respeito de nós para além do que falamos (as roupas que usamos, a forma como cumprimentamos os outros, etc.).

No “teatro da vida” somos “atores” que representam “papéis” socialmente estabelecidos frente a uma “plateia” (aqueles com quem me relaciono) em situações definidas. Nos papéis desempenhados, há aspectos que procuramos realçar, mostrar à plateia, assim como existem outros que desejamos ocultar. Aos primeiros Goffman chama de “fachada”, os segundos ele denomina “fundo”. Assim,

Muito comumente a região de fundo de uma representação fica localizada numa extremidade onde ela está sendo apresentada, ficando separada por uma divisão e passagens protegidas. Sendo as regiões da fachada e do fundo adjacentes desta maneira, um ator colocado na fachada pode receber ajuda da retaguarda enquanto a representação está em curso e interrompê-la imediatamente para pequenos períodos de descanso (GOFFMAN, 2011. p. 106)

Embora haja sempre esta tentativa de se esconder algo da plateia, as interações são dinâmicas e podem dar a ver elementos que o indivíduo não gostaria que ganhassem visibilidade. Isto pode ocorrer de maneiras diversas, desde uma câmera oculta que flagra comportamentos tidos como impróprios à ocorrência de algum tipo de ato falho, por meio do qual se fala algo que não se queria conscientemente dizer.

Por fim, apesar desses “furos” na representação do “Eu na vida cotidiana” sejam comuns e recorrentes, o que fica nítido na perspectiva de Goffman é uma certa rigidez do processo interativo visto que este é sempre relacionado a algum tipo de ordenamento social. Nesse aspecto, Mead é mais flexível, uma vez que confere lugar de destaque à capacidade interpretativa do indivíduo, à dinâmica reflexiva. Assim, as pessoas não apenas interpretam e representam papéis (como em Goffman), mas também refletem sobre os mesmos e constroem significados distintos para o que lhes é apresentado na sua relação com o outro. A discussão sobre este ato projetivo do eu em relação a um outro também integra as concepções de Mikhail Bakhtin, que embora não seja filiado ao interacionismo simbólico possui reflexões que se assemelham em alguns aspectos.

4 O dialogismo de Mikhail Bakhtin

Mikhail Bakhtin situa-se em um horizonte teórico distinto de Mead e Goffman. Enquanto os dois autores possuem uma abordagem próxima da sociologia e da psicologia social, Bakhtin tem uma produção que dialoga com a linguística sausseriana e a teoria da literatura. No âmbito filosófico, percebemos nos autores do interacionismo simbólico fortes ressonâncias da filosofia pragmatista, já Bakhtin se alinha ao marxismo.

Embora fique claro que a formação e o percurso teórico dos autores difira em larga medida, impressiona-nos as semelhanças que encontramos entre as concepções dos autores interacionistas e as do teórico russo no tocante à comunicação. Assim como Mead e Goffman, Bakhtin vê a comunicação como um processo social, da ordem da relação com um outro em uma dinâmica reflexiva. Assim ele conceitua a “expressão” como “tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com ajuda de algum código de signos exteriores” (BAKHTIN, 1992, p.111). Ela comporta duas facetas: o

conteúdo e a objetivação exterior para o outro.

De forma semelhante aos interacionistas, Bakhtin fala da importância do outro no ato comunicacional apontando que as dimensões da expressão estão intimamente ligadas. Ele é crítico a uma perspectiva que vê os estados interiores e as suas expressões como momentos distintos. Para o autor, não existe atividade mental (estado interior) sem expressão semiótica. Assim, “não é atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a *expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN, 1992, p. 112, grifos do autor).

Dessa maneira, a expressão do indivíduo está diretamente relacionada a uma situação social (histórica) imediata na qual ele se relaciona com um outro. E o outro é constitutivo de sua expressão. Ao destacar a interação verbal, Bakhtin afirma a palavra comporta duas faces: a de ser algo que provém de alguém e o fato de ser direcionada a alguém. E mais do que ter um outro “incorporado” ao dizer, a fala posiciona o indivíduo em uma dada coletividade, ou seja, é marcada ideologicamente.

Na verdade, a simples tomada de consciência, mesmo confusa, de uma sensação qualquer, digamos a fome, pode dispensar uma expressão exterior mas não dispensa uma expressão ideológica; tanto isso é verdade que toda tomada de consciência implica um discurso interior, entoação interior e estilo interior, ainda que rudimentares (BAKHTIN, 1992, p. 114).

Nisto consiste a concepção dialógica. Ou seja, as expressões dos sujeitos são produtos da sua relação com o outro e refletem uma dimensão histórica e social. Embora não trate diretamente da questão ideológica, Mead também compreende a dinâmica da interação como uma relação em que o indivíduo interage com o outro e a sociedade. O próprio conceito de *self* expressa bem essa ideia, visto que essa instância forma-se por meio de uma mútua afetação entre uma dimensão de ordem pulsional e da incorporação de expectativas sociais.

Outro conceito que é de vital importância na obra do autor russo é o de “gêneros do discurso”. Apesar do conceito de discurso por vezes adquirir formulações variadas na sua obra, podemos compreendê-lo como algo da ordem uma historicidade social que se materializa nos textos sem se reduzir unicamente aos mesmos. Os gêneros constituiriam formas-padrão que emolduram o dizer. Sempre recorreremos aos gêneros discursivos quando nos interagimos. O autor distingue dois tipos de gêneros: os primários e os secundários. Os primeiros correspondem aos tipos de comunicação imediata, como, por

exemplo, uma conversa informal. Destes gêneros derivariam os gêneros secundários.

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2006, p. 263)

Alguns gêneros incitam maior coerção, uma necessidade de adequação a um formato pré-estabelecido (como no caso de um tribunal), enquanto outros são mais livres, a exemplo de uma conversa informal. Porém, permanece o fato de que sempre estamos nos inscrevendo em gêneros específicos no dia-a-dia que nos “pedem” certos tipos de postura, em detrimento a outras. Embora seja perigoso construir uma relação entre os “gêneros de discurso” de Bakhtin e os “papéis sociais” de Goffman, percebemos que ambos regulam de alguma forma a comunicação com o outro. No entanto, o gênero nos diz mais de uma dimensão histórico-social e refere-se a uma dimensão discursiva, enquanto que o “papel social” refere-se ao âmbito situacional, além de extrapolar o plano do discurso e da fala.

Por fim, cabe destacar outro conceito de fundamental importância no pensamento bakhtiniano, a polifonia. O conceito foi desenvolvido na análise de Bakhtin sobre a obra de Fiódor Dostoiévski. Ao olhar para os personagens criados pelo escritor, Bakhtin indica que elas representam visões sociais de mundo de diferentes grupos da sociedade. Não é apenas a voz (social) do escritor que se faz sentir em seus livros, mas uma pluralidade de vozes que emanam da sociedade e que são ideologicamente posicionadas.

Considerações finais

Louis Quéré (1991) salienta que o interacionismo simbólico contribuiu de forma significativa para o rompimento com uma perspectiva transmissiva da comunicação e, igualmente, para o surgimento do modelo praxiológico. Também são recorrentes na formulação do autor referências a Bakhtin, como pudemos perceber pela sua concepção dialógica do sujeito e da linguagem. Assim, ainda que não possamos identificar todos os pontos discutidos nos autores apresentados, podemos perceber pontos de contatos. Não

apenas entre o modelo praxiológico e os autores, mas também entre eles mesmos.

Mead, Goffman e Bakhtin são autores que pensam a comunicação não como uma mera transmissão de informações, mas como uma atividade social. Ganha importância na perspectiva dos interacionistas e de Bakhtin a dimensão relacional do processo comunicativo e como os sujeitos se constituem a partir do mesmo. Mead e Bakhtin possuem uma concepção mais flexível da interação, enquanto em Goffman esta parece muitas vezes “aprisionada” nos papéis sociais incorporados pelos indivíduos.

Não obstante, os três propõem um entendimento semelhante da noção de sujeito, o qual só pode ser compreendido na sua articulação com a sociedade e, conseqüentemente, com os participantes da mesma. Isto reverbera no “modelo praxiológico” de Quéré (1991), uma vez que o autor considera que os estados intencionais não são anteriores a situação comunicativa, já que é na articulação com elas que tais estados emergem deixando ver uma posição do indivíduo frente ao outro.

Além das semelhanças citadas, vale destacar algumas diferenças. Para Bakhtin, a história e a constituição ideológica do indivíduo são inerentes à interação. Isso nos faz pensar nas relações de poderes que se estabelecem entre os grupos sociais. No caso dos autores interacionistas, embora se fale do social, estes elementos da ordem da história e das marcas ideológicas pouco aparecem nos seus estudos, o que prejudica uma reflexão social mais abrangente.

No entanto, a perspectiva situacionista dos interacionistas nos oferece um aparato conceitual mais operativo para pensar as questões referentes à expressão não verbal do que Bakhtin sugere. No “modelo praxiológico” acreditamos encontrar essas duas esferas (o situacional e a historicidade) conjugadas, o que possibilita uma compreensão mais ampla da comunicação. Assim, conforme nos indica França (2003) sobre a perspectiva de Quéré, “o ato comunicativo faz apelo e se funda na representação do social; se projeta e faz a experiência de uma exterioridade ou uma alteridade para, desse movimento, ganhar sua substância histórica singular” (FRANÇA, 2003, p. 16). É na conjugação do histórico e do situacional como esferas que se materializam no ato comunicativo que acreditamos encontrar o caminho para fazermos avançar nossas investigações sobre o fenômeno comunicacional em suas mais variadas manifestações. Em pesquisas que temos realizado sobre os púlpitos eletrônicos trata-se de perceber como as narrativas se transformam em ambiência midiática, alterando a relação pastor/

padre e fiel. Além disso, consiste em perceber como muitas referências que compõem o universo da comunicação nesse caso específico transcendem os próprios limites da religião, alicerçando-se em discursos que compõem o nosso mundo social.

Para finalizar, acreditamos que o “modelo praxiológico” de Quéré além de se constituir por meio de um diálogo entre tais perspectivas, avança em relação às mesmas e se apresenta como um caminho interessante de se pensar a ciência comunicação no contexto atual. Um momento em que cada vez mais os pressupostos que norteavam a ciência moderna são questionados e novas formas de pensar os fenômenos sociais nos são exigidas, mas sem que desconsideremos as contribuições importantes de autores como Mead, Goffman e Bakhtin.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 6º ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.

_____, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. Perspectivas naturalistas em comunicação: uma angulação teórico-metodológica. BRAGA, José Luiz, LOPES, Maria Immacolata Vassalo de, MARTINO, Luiz Claudio (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação – Livro Compós 2010**. São Paulo: Paulus, 2010.

FRANÇA, Vera Veiga. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: NASCIMENTO, Geraldo, OLIVEIRA, Ana Cláudia de, PRIMO, Alex, RONSINI, Veneza (orgs). **Comunicação e Interações – Livro da Compós 2008**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008.

_____, Vera Veiga. L. Quéré: dos modelos da comunicação. In: **Revista FRONTEIRAS. Estudos Midiáticos**. Vol. V, nº 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JAMES, William. **Pragmatismo**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006

LOPES, Maria Immacolata de. Reflexividade e Relacionismo. In: BRAGA, José L.; LOPES, Maria; MARTINO, Luiz. C. **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010 (Coleção Comunicação) “Livro Compós 2010”, 2010.

MEAD, George Herbert. **Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social**. Buenos Aires: Paidós Studio básica, 1972.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

POGREBINSCHI, Thamy. **Pragmatismo: Teoria Social e Política**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2005.

QUERÉ, Louis. **D'un modèle épistemologique à un modèle praxéologique**. In: *RÉSEAUX* n° 46/47. Paris: Tekhné, mar-abril 1991.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. In: *Revista Estudos Avançados Fapesp*. Vol 2, n° 2. São Paulo: Maio/ Agosto, 1988.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus Editora, 1998.